

A representatividade em *Heartstopper*: uma análise da recepção de conteúdo pelos espectadores bissexuais¹

Frida Ferreira de MENEZES²
Nayan Silva de AVIZ³
Danila Gentil Rodriguez Cal LAGE⁴
Elias Santos SEREJO⁵
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este artigo analisa a recepção da série *Heartstopper*, da Netflix, por pessoas bissexuais que assistiram a primeira temporada e se identificaram com o personagem Nick Nelson, um homem cisgênero bissexual. Como metodologia, foram feitas entrevistas em profundidade com três pessoas para entendermos quais identificações emergem do contato com o produto audiovisual e o personagem da série, além de compreender os seus impactos na vida, comportamentos e opiniões dessas pessoas. Por fim, concluiu-se que, apesar de as produções audiovisuais cumprirem um papel social de representar a realidade, em muitos casos violenta para pessoas LGBTI+, *Heartstopper* chamou a atenção do público e despertou identificações por retratar essas vivências sob um outro olhar, focado nas relações afetivas e mostrando que outras realidades são possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: *heartstopper*; identificação; análise de recepção; bissexualidade.

– *Hi!*. – *Hi!* (– *Oi!*. – *Oi!*)

A agenda de luta política dos movimentos feministas e LGBTQIA+ nas últimas décadas apresentou ao mundo vivências diferentes daquelas consideradas “normais”, padronizadas, sobretudo no que diz respeito às sexualidade e identidades de gêneros. Com a visibilidade de outras formas de ser e vier, indivíduos puderam enfim se reconhecer. Essas transformações tensionam o sistema cisheteronormativo que passou a elegê-los como inimigos. Para Judith Butler (2019), isso ocorre uma vez que essa “regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – II07 – Comunicação, espaço e cidadania do 19º Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da FACOM-UFPA, email: friihmenezes@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da FACOM-UFPA, email: nayansaviz@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da FACOM-UFPA, email: danilacal@ufpa.br

⁵ Co-Orientador do trabalho. Doutorando do PPGCOM-UFPA, email: eliasantos1001@gmail.com

sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica” (p. 47). Ou seja, tudo aquilo que vai contra ao historicamente colocado como correto não pode ser visto, falado, e muito menos reproduzido, para manutenção e perpetuação desse sistema. Em produtos midiáticos, como séries, filmes e novelas, se mantém a mesma linha – os produtos, quando existentes, retratam nossas vivências de forma totalmente superficial, causando ainda mais desconhecimento sobre nós para quem tem contato com esses produtos. Para além dessas pessoas, quem está em processo de descobrimento da própria sexualidade ou identidade de gênero, ao se deparar com conteúdos que somente retratam vivências extremamente estereotipadas e marginalizadas, encontram ainda mais dificuldade para se identificarem a partir do conteúdo que emerge desses produtos.

Nossas inquietações para a realização desta pesquisa surgem justamente a partir dessa percepção de que nunca éramos retratadas de forma que nos causasse efetivas identificações com histórias ou personagens. Percebemos que a maioria dos conteúdos traziam uma heteronormatividade excessiva e não davam espaço para outras representações que não fossem essa (Afonso, 2020), e quando havia algum personagem LGBTI+⁶, o arco de suas histórias era recheado de estereótipos e preconceitos.

Com o passar do tempo e os avanços das discussões e conhecimentos sobre a comunidade LGBTI+, a temática foi ganhando cada vez mais destaque em produções audiovisuais. Além disso, os avanços tecnológicos e a popularização dos serviços de *streaming* também foram essenciais para que cada vez mais conteúdos que abordassem temáticas de sexualidade e gênero ganhassem destaque e grande audiência. Como exemplos de marcos desse cenário, pode-se citar o lançamento de séries como *Glee* (2009) e *Orange is the new Black* (2013), que, para muitos jovens e adolescentes, na época, foram a porta de entrada para suas autodescobertas e entendimento de si mesmos, uma vez que traziam essas questões de maneira natural. Essa produção de conteúdo que traz para o centro do debate as pessoas LGBTI+ se tornam importantes uma vez que o que é apresentado por séries e mídias em geral causam identificações e criam modelos de comportamentos a serem seguidos (Gomillion; Giulliano, 2011).

Como já citado, a popularização dos serviços de *streaming* foi essencial para uma mudança na forma com que temáticas de gênero e sexualidade foram abordadas,

⁶ Sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis e intersexos. O “+” é utilizado para representar outras sexualidades e identidades de gênero.

visto que, agora, os conteúdos precisam alcançar a geração que consome esses conteúdos pelo celular e sempre está conectada às redes sociais para expressar opiniões e impressões. A Netflix, uma das primeiras empresas de *streaming* criadas e a mais popular, com mais de 230 milhões de assinantes ao redor do mundo, tem destaque na produção de conteúdos LGBTI+, com séries como a já citada *Orange is the new Black*, além de *Sense8*, *Young Royals*, *One Day at a Time*, *Queer Eye*, *Elite*, dentre outras que integram o catálogo da plataforma.

Em 2022, a plataforma lançou a série *Heartstopper*, com oito episódios, que têm entre 27 e 33 minutos de duração. A Netflix classifica a série como sendo para pessoas a partir dos 12 anos, atribuindo a ela o gênero romance. Segundo a sinopse disponibilizada pela plataforma, “Nesta série sobre amadurecimento, os adolescentes Charlie e Nick descobrem que são mais que apenas amigos e precisam lidar com as dificuldades da vida escolar e amorosa”. A trama tem como personagens principais Charlie Spring, um jovem tímido e gentil, e Nick Nelson, um jogador de rugby popular, ambos estudantes do ensino médio em um colégio para garotos na Inglaterra. Ao longo dos episódios da primeira temporada, a história mostra desde o momento em que eles se conhecem e gradualmente desenvolvem uma amizade inesperada que se transforma em algo mais profundo. Com ampla circulação e classificada pela revista Forbes como “a série mais bem avaliada pela crítica e um estouro de audiência”, ela é inspirada na *graphic novel*⁷ homônima da autora Alice Oseman, que também fez o roteiro da série, e levanta questões como sexualidade, homofobia e bullying. Além do casal protagonista, formado por um homem gay e um homem bissexual, a série também explora a diversidade ao ter como personagens secundárias lésbicas e pessoas trans.

O personagem Nick Nelson, interpretado pelo ator Kit Connor, é um jovem de 16 anos e tem como arco principal na primeira temporada da série a descoberta de sua bissexualidade, que começa quando ele passa a se interessar romanticamente por Charlie Spring. Em diversas cenas, percorremos o caminho da autodescoberta junto com o personagem, que por diversas vezes se questiona se é um homem gay ou não, visto que já teve envolvimento romântico com meninas. Além disso, também é possível perceber o medo de Nick em ser LGBTI+ por conta de uma pressão social, visto que ele

⁷ Tipo de história em quadrinhos com histórias mais densas e longas, geralmente voltadas para um público mais adulto.

é um jogador de rugby popular na escola, e tem medo de que as pessoas passem a não vê-lo da mesma forma.

Para além da ficção, o ator que interpreta o personagem também passou por diversas pressões sociais para assumir sua sexualidade. Com 18 anos no período do lançamento da primeira temporada da série, o ator foi cobrado por diversos espectadores da série para que falasse sobre sua sexualidade, uma vez que, partindo do pensamento que identidade é algo impresso pela cultura, na medida em que as identidades são nomeadas a partir de um determinado contexto, e de expectativas que se criam em torno delas (Felipe, 2006), os atos do público foram uma forma de mostrar que esperam por representatividade nos produtos culturais que consomem não só nas tramas das histórias, mas também em seus bastidores. No entanto, para o ator, esse tipo de cobrança e pressão é justamente o que a série mostra e critica.

Tendo em vista todos os processos e debates que se deram desde o lançamento da série, que passam por questões de identificação e representação, a presente pesquisa busca analisar de que forma pessoas bissexuais se reconhecem e se sentem representadas (ou não) pela trama apresentada na primeira temporada da série *Heartstopper*, e como a série foi responsável por influenciar o processo de execução das *performances* desses sujeitos diante da sociedade, seja em mudança de comportamentos, pensamentos, dentre outros.

Como processo metodológico, inicialmente foi aplicado um formulário *on-line*, amplamente divulgado na internet por meio das redes sociais, para que pudessemos selecionar possíveis entrevistados. O formulário abordava questões relacionadas a identidade de gênero e orientação sexual dos participantes, além de percepções iniciais sobre a série, como se tinham assistido a todos os episódios e com qual dos personagens principais mais haviam se identificado. No momento da análise dos resultados, passamos para a segunda parte da pesquisa, que consistiu em entrevistas semiestruturadas com os participantes do formulário *on-line*. No total, três pessoas bissexuais que se identificaram com o personagem Nick Nelson foram entrevistadas. Duas dessas entrevistas foram reutilizadas de nosso Trabalho de Conclusão de Curso, que tratou da mesma temática, no entanto, dando foco para outras identidades de gênero e sexualidades. Para esta pesquisa, sorteamos mais uma pessoa que havia respondido ao formulário, adicionando outros dois marcadores, para além dos já apresentados (ser

bissexual e ter se identificado com Nick Nelson): não ter assistido à nossa defesa de TCC e não ter assistido à segunda temporada da série, tendo em vista que quando realizamos as entrevistas de nossa monografia ela ainda não havia sido lançada, então todos os entrevistados tinham em seu horizonte somente os acontecimentos da primeira temporada.

Em campo, pudemos perceber algumas similaridades entre os interlocutores, como o fato de não terem tido bons acolhimentos de suas famílias ao contarem que eram LGBTI+ e de terem tido o seu primeiro contato com o mundo de Heartstopper pelas redes sociais, geralmente no Twitter ou TikTok. Foi perceptível como os interlocutores tiveram uma experiência muito parecida com a nossa ao assistir a série, citando momentos e cenas específicas com as quais nós também nos identificamos. Ao longo do trabalho, iremos nos referir a eles como Adam, Syd e Rosa, nomes fictícios escolhidos por nós para manter o anonimato da entrevista.

BISSEXUALIDADE E OS ESTEREÓTIPOS

As representações de pessoas bissexuais nos mais diversos tipos de mídias, como filmes e séries, por muitos anos foram carregadas de estereótipos, nos quais nossas imagens sempre estavam atreladas à indecisão e à promiscuidade. Um dos exemplos disso no audiovisual brasileiro é o filme “Minha Mãe é Uma Peça 3”, que apresenta o personagem Juliano sendo constantemente invalidado ao revelar sua bissexualidade para sua família. A bissexualidade não é binária, ou seja, não se atém a dois gêneros, mas sim trata de pessoas “que se sentem atraídas afetiva, romântica e/ou sexualmente por mais de um gênero” (Lima; Damacena, 2022 *apud* Coelho, 2019, p.225), então se trata de pessoas que gostam de todos os tipos de pessoas.

Esse tipo de representação contribui para o apagamento, fetichização e não-identificação dos espectadores. Quando questionamos os motivos dos jovens se identificarem mesmo sendo uma série que não se passa aqui no Brasil, muito menos na Amazônia, Syd citou que essa falta de boa representatividade LGBTI+ no âmbito nacional o levou a focar em obras internacionais. Adam citou que até mesmo em obras internacionais existem muitos destes estereótipos, como em *Elite*, da Netflix, que os personagens LGBTI+ são extremamente sexualizados, e no Brasil os personagens LGBTI+ marcantes são os personagens como Félix (Amor à Vida) e Crô (Fina Estampa).

Para Fernandes (2018), apesar do aumento da representatividade em diversas plataformas, ela nem sempre é positiva para pessoas da comunidade LGBTI+, visto que em muitos casos “são personagens estereotipados, utilizados como alívio cômico ou são engolidos pela heteronormatividade presente na sociedade” (p. 12). Sobre isso, Viviane Vergueiro (2015) comenta que, apesar de em muitos casos ações como essas serem consideradas somente “piadas”, é necessário compreender que elas são formas de discurso, que trazem em si efeitos e poder, e as noções do que é moral e imoral, do que é ordem e progresso.

Piadas se inserem como mais um entre inúmeros instrumentos para construirmos o mundo, e infelizmente construímos (ou talvez tenham construído para nós) um mundo fodido de merda. Sendo assim, torna-se necessário analisar que mensagens estas supostamente ‘inofensivas’ piadas estão transmitindo [...] (VERGUEIRO, 2015, p. 163)

Para além dessa falta de representatividade, também foi destacado por unanimidade pelos entrevistados o fato de que as situações e problemas enfrentados por jovens LGBTI+ em descobrimento são compartilhados, ainda que em locais, contextos e culturas diferentes. Stuart Hall (2016) atribui aos avanços tecnológicos, também, a possibilidade dessas representações, que produzem sentido e permitem que seja cultivada a nossa própria noção de identidade, de quem se é e onde se pertence, visto que há uma circulação maior de conteúdo.

O sentido é também produzido em uma variedade de mídias; especialmente, nos dias de hoje, na moderna mídia de massa, nos sistemas de informação global, de tecnologia complexa, que fazem sentidos circularem entre diferentes culturas numa velocidade e escala até então desconhecidas na história. (HALL, 2016, p. 22)

Durante as entrevistas, foi percebido que as experiências de entendimento da própria sexualidade que é mostrada nas telas da série *Heartstopper*, através do personagem Nick Nelson, foram motivo de identificação dos nossos entrevistados.

“A maneira como ele lidava com os problemas que iam aparecendo na série, me lembrava muito a maneira que eu lidava com a minha questão. O clássico dele procurando no Google o que que é ser bi, aquilo pra mim, gente, fui eu” (Adam, em entrevista).

“Eu me identifiquei muito no processo de fazer testes na internet pra tentar descobrir se é LGBT ou não, e ficar todo numa dúvida de será se eu sou mesmo?” (Syd, em entrevista).

“Os pensamentos e questionamentos quando a gente tá descobrindo a sexualidade... absolutamente a cena que eu mais me identifiquei foi a do Nick no quarto, no notebook dele pesquisando, acho que até testes, ‘bissexual’, ‘o que é bissexual’. Lembro que até gravei, filmei a tela” (Rosa, em entrevista).

Para os autores Gomillion e Giulliano (2011), esse processo de identificação ocorre em duas vias, a primeira é buscando similaridades entre si e pessoas ou personagens da mídia, chamada "identificação por similaridade" (tradução nossa); já a segunda é a “identificação por desejo” (tradução nossa), que ocorre quando as qualidades do personagem são atraentes e fazem com que o indivíduo deseje se parecer com a pessoa retratada na mídia.

No caso de *Heartstopper*, foi possível identificar nos entrevistados esses dois tipos de identificações. Sendo que, a identificação por similaridade esteve sempre atrelada ao processo de descobrimento e entendimento da sexualidade, enquanto a identificação por desejo se conectou com a aceitação que Nick teve com sua família ao revelar ser bissexual.

Figura 1 – Nick Nelson se assumindo para sua mãe (conjunto de frames)



Fonte: Netflix (modificada pelas autoras).

Ao retratar todo esse processo, a série mostra outras nuances que normalmente não são vistas em outras séries, como o acolhimento. No último episódio, Nick se assume para sua mãe e ela o compreende e acolhe, o que alguns dos entrevistados disseram não se identificar pois não tiveram a mesma reação de suas famílias.

“Quando eu lembro do que aconteceu com o Nick, do apoio que ele teve dos amigos, nessa questão de se identificar, bateu muito forte. Eu vi os laços da amizade na minha história, os laços familiares infelizmente não foram de uma maneira tão gostosa quanto foram com o Nick” (Adam, em entrevista).

“Todo o processo dele falar pra família – eu não tive esse conforto, mas enfim. Ter esse apoio da família, eu fui vendo e fui ficando com o coração quentinho” (Syd, em entrevista).

“Eu nunca falei abertamente pra minha família nada, só quem sabe é a minha mãe, então eu prefiro evitar (falar sobre o assunto). Eu lido com família, né... ainda um tanto conservadora, então é bem complicado” (Rosa, em entrevista).

DIREITO AO CLICHÊ

Stuart Hall (2016) afirma que a produção de sentidos se dá por meio da linguagem, e que baseados nos nossos conhecimentos prévios nos permitem reconhecer coisas, objetos, conceitos, e que nos casos em que esse conhecimento prévio é inexistente, não haveria possibilidade de compartilhamento de pensamentos e ideias sobre o mundo. Da mesma forma, ocorre com os produtos midiáticos.

Se não há uma representação de romances adolescentes clichês LGBTI+, assim como temáticas de descoberta da sexualidade e o primeiro amor em conteúdos protagonizados por pessoas cishetero, é como se essas realidades não fossem possíveis para nós. Adam se referiu à série como um “respiro”, no sentido de fugir da violência que pessoas LGBTI+ estão acostumadas a viver e poder proporcionar um conteúdo que se atém em servir romance, ao mesmo tempo que tem as pautas de gênero e sexualidade tratadas de maneira leve. Para Araújo e Stela (2022),

Talvez os mais exigentes digam que Heartstopper é uma história fantasiosa demais, que repete a velha fórmula do romance água com açúcar das comédias românticas, e que não retrata fielmente a realidade da população LGBTQIA+, suas lutas e as violências as quais está cotidianamente exposta. Porém, se observarmos a questão de outra perspectiva, veremos que já existem inúmeras obras que cumprem esse papel, algumas primorosamente como Pose. Então porque não proporcionar à comunidade LGBTQIA+ uma história que sempre lhe foi negada? O primeiro amor, inocente, cheio de descobertas e beleza. Uma

narrativa positiva com final feliz, algo que diga aos jovens queers de hoje que suas vidas e seus corpos tem valor. Que eles merecem mais do que o ódio, a hipersexualização, a violência e a solidão. (ARAÚJO; STELA, 2022, p. 9)

Por já ter passado da adolescência, Adam crê que, apesar de ele mesmo não ter tido referências boas nesse sentido, é importante que o tipo de representação presente em *Heartstopper* exista para as gerações presentes, visto que todo o processo de auto aceitação e entendimento próprio seria muito mais simplificado. Para Araújo e Stella (2022), assistir *Heartstopper* é um resgate da suavidade e ingenuidade que se perdeu há algum tempo, “é pensar como teria sido se a série existisse anos atrás, e principalmente, é entrar em contato com os traumas característicos desta população, e ressignificá-los” (p. 10).

Os entrevistados também falaram sobre outros fatores que fizeram eles se identificarem com o personagem, como Adam que diz que o acolhimento recebido pela parte dos amigos foi algo que ele também passou. Para Rosa, além da sexualidade, a personalidade de Nick também é parecida com a dela, e o fato de ele existir na série para ela foi de extrema importância, pois em seu processo de descobrimento ela não pode contar com nenhuma referência bissexual para melhor se entender. Já Syd, que é uma pessoa não-binária, cita que se houvesse uma pessoa não-binária na série quando ele assistiu, provavelmente ele se identificaria mais do que com Nick, o que mostra que, para ele, a identidade de gênero seria um marcador mais forte do que a sexualidade na identificação.

É dessa forma que vemos como a linguagem e determinadas formas de abordagem são determinantes na efetiva representação ou não. Para cada pessoa e da forma com que ela interage com as coisas, os significados podem se alterar. Stuart Hall (2016) afirma que a cultura é parte integrante desse processo, visto que os sentidos a indivíduos, objetos e acontecimentos são dados pelos participantes das culturas.

As coisas “em si”, raramente –talvez nunca – têm um significado único, fixo e inalterável. Mesmo algo tão óbvio como uma pedra pode ser somente uma rocha, um delimitador de fronteira ou uma escultura, dependendo do que ela significa – isto é, dentro de certo contexto de uso e do que os filósofos chamam de diferentes “jogos de linguagem” (HALL, 2016, pp. 20-21).

No que se trata do impacto da série, Rosa cita que se sentiu instigada a conhecer mais a causa LGBTQ+, não só sobre a bissexualidade mas no geral. Adam diz que “passou a acreditar mais no amor”, e desejava que no seu ensino médio pudesse ter vivido as mesmas coisas. Syd relata que ficou mais confortável tanto com sua

bissexualidade quanto a sua não-binariedade, vendo que adolescentes LGBTQ+ podem ter uma realidade mais confortável.

“IN A ROMANTIC WAY, NOT JUST A FRIEND WAY!” (“DE FORMA ROMÂNTICA, NÃO SÓ COMO AMIGO!”)

Em vários momentos, foi possível perceber a diversidade de formas com as quais o público bissexual que assistiu à série pode se ver representado e se conectar com a história contada. Em todos os casos, a identificação com o personagem ocorreu diretamente por conta da sexualidade, ainda que houvesse outros motivos que fortaleciam a conexão entre telespectador-personagem.

Obviamente, ao cumprir seu papel de representação da realidade, as produções não erram em retratar vivências baseadas nas constantes violências e ataques sofridos por nós. No entanto, para além disso, nossa pesquisa de campo tornou evidente a necessidade de entender a importância das histórias já retratadas, e buscar dar novos olhares, com maior diversidade de temáticas, em tramas centralizadas no contraste de vivências e experiências que temos. Ver as pessoas em suas pluralidades e em outros âmbitos da sua vida como nas amizades, nos relacionamentos amorosos, com as suas famílias e na vida estudantil.

É ainda necessário pensar também em obras que sejam mais próximas ainda à nossa realidade, pensando enquanto pessoas da América Latina, mais especificamente ainda da Amazônia, buscar consumir mais conteúdos neste nicho, para que os debates se tornem mais regionalizados e possamos evoluir para uma representação mais fiel à nós. Além de entender que se essas obras já existem, por que não são de interesse do público e não são tão famosas quanto outras? Debate a ser aprofundado em futuras pesquisas.

Pudemos perceber que os avanços tecnológicos e as novas formas de produção se fizeram imprescindíveis para um avanço também nos conteúdos, visto que agora o público mais facilmente consegue se manifestar a respeito daquilo que consome e expressar suas não concordâncias. Da mesma forma, a popularização dos serviços de *streaming* tiveram influência direta nesse processo, visto que, enquanto pagantes, o público se sente no direito de cobrar por determinados conteúdos, o que aumenta ainda mais a pressão para uma maior produção de conteúdos.

Essa representatividade pode ter vindo atrasada para algumas pessoas que já passaram pela fase da adolescência e já assistiram a série com o olhar diferente do que

quem pode ainda estar passando pelas situações retratadas, o que também não deixou de os emocionar e fazer pensar que essa é uma realidade que os jovens de hoje em dia podem viver, apesar de ter sido diferente para eles. Já os mais jovens, podem esperar viver suas vidas em um contexto mais simples em que não sejam alvos de constantes situações ruins por conta de sua identidade. Além de ser uma possibilidade que os pais de pessoas LGBTI+ possam ver como lidar com essas questões e serem também uma forma de acolhimento e não mais uma dificuldade na vida destas pessoas.

Por fim, destacamos a importância de perceber a forma com que nossas vivências se entrelaçam de forma tão profunda com as das pessoas que entrevistamos, e se ligam diretamente a uma série pensada e escrita geograficamente tão distante. Assim como a série, essa pesquisa também modificou nossas visões de mundo e a forma com que interagimos com a realidade à nossa volta – e seguirá nos transformando, mesmo que aqui se finalize com sua limitação necessária, a cada nova pesquisa, temporada, representação e aparecimento.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Luana Morgado Ramos. AFETADOS: o impacto da representatividade LGBTQI+ no público adolescente de séries de TV. **Revista Escaleta**. Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n° 1, pp. 226-244, fev/jul 2020. Disponível em: <<https://escaleta.espm.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/ARTIGO-LUANA-MORGADO.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

ARAÚJO, Ricardo Silva de; STELLA, Joelma Cristina Silva Moreira. Heartstopper: Sobre o Direito a Narrativas Afetivas e Felizes. In: Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/06072022175344629fbad8ab5de>. Acesso em: 06 jun 2023.

BOAVENTURA, Katrine Tokarski. **Recepção e estudos culturais**: uma relação pouco discutida. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. 2009. Disponível em: <<https://livros01.livrosgratis.com.br/cp123261.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2023.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FELIPE, Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. Tecnologia e Sociedade. Curitiba, Vol. 2, N. 3, pp. 251 - 263, jul-dez, 2006. Disponível em: . Acesso em 27 abr. 2023.

GOMILLION, Sarah C.; GIULIANO, Traci A. The Influence of Media Role Models on Gay, Lesbian, and Bisexual Identity. *Journal of Homosexuality*, 58:330–354, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HEARTSTOPPER. **Netflix**. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/81059939>>. Acesso em: 19 jun. 2023

JAEGER, M. B. et al. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 2, n. 11, p. 1–16, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28011>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2015. Disponível em: . Acesso em: 25 abr. 2023.